

Hélio Silva, memórias e caminhos

Alicia Castells (NAUI-UFSC)

Diego Pontes (NAUI-UFSC)

O lenço do Hélio

No dia 18 de julho de 2026, o professor Hélio Raymundo Santos Silva, referência no campo da antropologia urbana brasileira, por alguns instantes nos deixou sem palavras. Seus provocativos ensinamentos e contribuições sugerem a necessidade de seguirmos, no entanto, ainda que impactados pela notícia de seu falecimento, no caminho atento ao que as passagens possam vir a ecoar em nós mesmos. Os caminhos e travessias, como convém ao olhar antropológico e vastamente discutidos por Hélio Silva (2009), desenham profundos lugares sinestésicos de escuta, memória e observação, fornecem-nos preciosas elucubrações teórico-metodológicas sobre as vicissitudes do trabalho de campo e o trabalho do antropólogo.

Hélio Silva, graduado em História, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional e doutor pela Escola de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi docente e pesquisador em diferentes universidades brasileiras, atuou no Departamento e na Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Depois de aposentado, atuou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e foi colaborador no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul. Suas pesquisas etnográficas com grupos urbanos nos brindam com uma riqueza de detalhes e possibilidades analíticas quando, além de indubitável referência aos estudos de gênero e sexualidades, levantam reflexões a respeito do método etnográfico e da tessitura das relações entre os pesquisadores e os grupos estudados.

Sua brilhante etnografia com as travestis do bairro da Lapa na década de 1990, no centro do Rio de Janeiro, revela uma profunda teia de relações, (des)afetos, sonhos e lutos compartilhados e descritos em registros de um cotidiano recheado de animosidades e sentidos. Relatos que demonstram comprometido mergulho no campo em uma Lapa decadente, vibrátil e ativa, vivida de dentro e percorrida entre ruas e calçadas que, como em uma noite febril acompanhado de Poliane (p. 98, 1993), revelam um espaço e sociabilidades mediadas para além e nas entrelinhas dos estigmas da prostituição e da malandragem carioca.

Em sua sofisticada etnografia sobre a Lapa, Hélio pontua sobre a importância do diário de campo, local de visita, morada e refúgio do etnógrafo, onde registramos os detalhes captados pela observação, para que sejam elaboradas, por exemplo, questões sobre convivência, elos, laços, trajetos e mapeamentos que permeiam todo percurso etnográfico e os desafios e limites que o envolvem. Em uma de suas minuciosas descrições, narra o dia em que, na calçada, emprestou seu lenço, retirado do bolso da camisa, para que, aos prantos, uma de suas informantes pudesse ser amparada e secar as lágrimas que escorriam por conta de mais uma forte decepção amorosa. Os lenços do Hélio, inclusive, aparecem em outros momentos na sua etnografia e o acompanhavam em aulas e palestras, quase como uma marca que nos diz, fundamentalmente, sobre uma presença costurada por vínculos, afetos e partilhas do sensível, que entende a etnografia como experiência única, condição elementar para o entendimento do que foi observado e descrito.

Tristes com sua partida, caminhamos, observamos e esboçamos algumas breves palavras que buscam enaltecer sua contribuição para a antropologia urbana brasileira e o ensino da antropologia. Como sublinhado pelo próprio Hélio, para que possamos pensar a cidade e seus processos de subjetivação e modos de feitura dentro de uma chave de relações e circulações que “arranham dimensões como tempo, movimento, dinâmica, sequência e sintagma” (Silva, 2009, p. 185).

Referências:

SILVA, Hélio. A situação etnográfica: andar e ver. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre/RS, ano 15, n. 32, 2009, p. 171-188.

SILVA, Hélio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Hélio. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.